

E aí, meu camarada, tudo in riba? Estamos de aniversário mais uma vez, no alpendre das duas décadas...colhendo a data com carinho, com o conforto que só o WAweb confere na hora mais tranquila da madrugada, vou recorrer ao seu olhar generoso pra divagar...num texto que não é texto, é mais um momento. E só.

Veja só o acontecido: dias atrás tive que me dirigir aos colegas novos para falar sobre intervenção individual no cível e, já na hora das apresentações, acabei falando de Júri.

Puxando pela memória o conversado, que aqui se escreve como se enviasse um áudio (a essa hora não se envia!), dividi com os estreantes que, quando me apresento pela primeira vez a um Conselho de Sentença, sempre ressalto que a confiança é uma relação só se percebe ao construir. Durante essa construção, a cada julgamento os jurados vão sedimentando suas percepções sobre o promotor; se é ponderado na avaliação dos autos; leal com os advogados e altivo com o juiz; cordial com as testemunhas; respeitoso com o réu... a primeira pessoa que os jurados julgam – isso alguém já haverá de ter dito aos novatos – é o promotor.

Esse alicerce sustenta os cenários futuros, de modo que a relação de confiança assentada facilita a tomada de decisão dos julgamentos posteriores. O problema é que, já no primeiro júri, antes mesmo de estabelecida a confiança, ao final dos trabalhos uma decisão haverá de ser tomada. A melhor decisão possível.

Ocorre que mesmo naquele momento inaugural, anterior à confiança, jurados mais experientes podem projetar confiança, depositada em antigos promotores, na figura daquele que se apresenta. Eis o que se pode chamar de “imagem do Ministério Público”, quem sabe uma projeção da sua unidade.

A apresentação eu finalizava pedindo aos jurados, na ausência justificada da confiança, que ao menos pudesse ser destinatário de imparcial atenção.

Repare que o roteiro do Plenário me pareceu oportuno quando da apresentação aos novos colegas, pois elevou meu pensamento para uma experiência fortíssima, companheira nesses 19 anos de lida.

Como você sabe, quando ingressamos no MP, eu antes de associar nomes a rostos, antes de descobrir ou abandonar referências, surpreendia-me pelos corredores com professores, gente reconhecível do noticiário sempre do lado certo da foto, do lado certo da História. Bem ali ao alcance do cumprimento.

Nessa ambiência, disse eu a eles, tivemos a oportunidade de ser recepcionados por um distinto senhor, em calorosas boas-vindas, quando da posse formal. Então ele agradecia às nossas famílias por entregarem ao MP seus filhos, seus netos, o que elas tinham de mais caro, pontuando que não importava o que o MP “ensinasse”, nós já chegávamos prontos. Íntegros nos valores que trazíamos de casa, que iriam informar toda nossa atuação profissional.

Isso sempre fez muito sentido para mim embora, devo confessar, tenha ficado impactado pelo fato daquele senhor, que não me conhecia, antes mesmo do estabelecimento de uma relação de confiança, pudesse falar tudo aquilo de mim.

Hoje sei que ali, antes da confiança, já havia a projeção dos seus anos de MP refletindo em nós. Era a unidade do MP que se espalhava daquele senhor, e de toda a sua trajetória, diretamente para nós.

Aquele senhor, que com o tempo eu fui capaz de compreender, era a imagem firme e afável de um membro do MP que eu já conheci. Um homem completo ou, como diria o poeta, um homem com começo, meio e fim. Com causa e consequência. Receber as boas-vindas daquele senhor, permita-me a paráfrase, era como receber uma saudação da decência.

Contar com a confiança daquele senhor, ser merecedor da alta expectativa que ele mantinha em relação a nós (elevadíssima pois do tamanho do seu caráter!), tem sido um objetivo desde então. Ao ponto de vir se amalgamando àqueles valores familiares que ele mencionara no princípio. Ao ponto de, com o tempo, o próprio MP se inserir numa percepção familiar.

Que sujeito formidável!

Com essa lembrança eu dei boas-vindas aos novatos e, prestando meu tributo ao acolhimento recebido 19 anos atrás, pontuei que se suas famílias estivessem ali, lhes agradeceria presencialmente. Diante do impedimento solicitei que transmitissem minha humilde gratidão.

Declarei que os novos colegas terão, como todos ainda temos, que demonstrar ser merecedores de tamanha empatia, quase uma confiança preordenada na função, que nos transcende, mas que também nos é legítima. Vaticinei (acho que nunca usei esse verbo) que após um dia pesado de audiências, diante daquela urgência que te assalta no retorno ao gabinete, a empatia com a qual se olha para o jurisdicionado, a deferência com um PM do fórum, tudo isso diz mais sobre quem promove Justiça do que a jurisprudência mais inédita colacionada numa petição, ou mesmo aquela citação alemã vanguardista – e não traduzida! – nas razões de um recurso.

O final foi atingido com o alerta de que a jornada é desafiadora, mas recompensa. Com a autoridade dos anos anunciei que, entre vitórias e derrotas, há muita vida e experiência humana. Daqui pode-se sair maior, tenho convicção. Tudo culminando no bônus de fazer bons amigos e construir afetos verdadeiros. Eu, que tive esse privilégio, celebrei que para eles não desejo nada menos. E aí lembrei de nós.

Se tomado esse relato pelo que é, despretensioso em tudo e por tudo, fique à vontade para dividir no grupo do concurso. Estou ciente do jantar e, havendo compatibilização de expectativas familiares, contem com a minha presença. Saudade.